

A PRÁTICA DO PROFESSOR TRADICIONAL

Kenya da Silva Martins (1); Edilene Santos da Silva (2); Leonardo Mendes Bezerra (3)

Universidade Estadual do Maranhão- UEMA
Centro de Estudos Superiores de Balsas- CESBA

kenya_martins30@hotmail.com (1); edylene-santos@outlook.com (2); lydim@live.com (3)

Introdução

É notório que a explosão da era digital trouxe consigo grandes benefícios que, evidentemente percebe-se na sociedade atual, conseqüentemente a educação vem se beneficiando com toda essa tecnologia que está inserida em nosso meio social. Embora viva-se uma época modernizada ainda é comum perceber que, escolas e professores procuram conservar modelos tradicionais de ensino. Partindo da concepção de que um professor tradicional hoje é diferente daquele que viveu na época do Brasil colônia, este trabalho tem por objetivo apontar características do professor tradicional nos dias atuais, apresentar um breve relato sobre a educação jesuíta, descrever sobre a didática tradicional, avaliar influências da prática tradicional no processo de aprendizagem, fundamenta-se em Pilleti (1996), Gadotti (1997), Behrens/ Oliari (2007), dentre outros.

Metodologia

O presente trabalho parte da pesquisa bibliográfica, analítica e descritiva, a partir de uma entrevista desenvolvida com um professor da rede municipal de educação da cidade de Balsas (maranhão). A entrevista foi realizada em forma de diálogo entre os autores deste trabalho e o entrevistado com perguntas referente a sua prática profissional, e a forma como conduz a aula.

Resultado e Discussão

A história da educação no Brasil se inicia com a chegada dos jesuítas em 1549, propagando a fé católica ao mesmo tempo em que ensinavam a ler e escrever. Além disso, transmitiam os costumes europeus.

Segundo Pilleti (1996), o Ratio Studiorum- plano de estudos da companhia de Jesus- constituía-se, além das primeiras letras, o ensino secundário e superior. Nas primeiras letras, ler e escrever. No ensino secundário, estudavam-se os cursos: Letras Humanas que abrangia Gramática Latina (ínfima, média e suprema), Humanidades (história, poesia e retórica) e Retórica duração global de cinco ou seis anos. O curso de Filosofia e Ciências compreendiam Lógica, Metafísica, Moral, Matemática e Ciências Físicas e Naturais com duração global de três anos. Portanto, nove anos no estudo secundário. O estudante interessado em um curso superior ou cursava Teologia e Ciências Sagradas e ingressava no sacerdócio ou viajaria para Europa.

As principais características da educação jesuítica são o uso de repetições, o auxílio dos melhores alunos aos professores, os chamados *decuriões* e o ensino verbal, a qual os mestres falavam e os alunos memorizavam o conteúdo, além disso, essa educação respondia aos interesses da coroa portuguesa, a prática focava na memorização, rigidez quanto a

horários e duração das aulas, disputas e ao uso do latim, normas para os exames, dentre outros.

Gadotti (1997, p. 231) critica os jesuítas “discriminatórios e preconceituosos, os jesuítas dedicaram-se à formação das elites coloniais” e que esta foi uma “educação que reproduzia uma sociedade perversa, dividida em analfabetos e sabichões”. Neste sentido, o pensamento a não questionamentos sobre o que é ensinado ainda perdura na visão de educadores mais velhos.

O perfil do professor tradicional nos dias de hoje preza pelo respeito a sua autoridade, a organização da sala, como por exemplo, carteiras enfileiradas. O professor dessa categoria opta por aulas expositivas e o silêncio absoluto. Preocupação com o conteúdo a ser ministrado em sala de aula, uma influência dos jesuítas, e a relação de professor aluno sempre restrita com uma forma, mas rigorosa de ministrar aulas.

Contudo pôde-se perceber que o ensino avançou quanto a didática tradicional melhorando também o ensino e a aprendizagem para os acadêmicos, ajudando até mesmo aqueles que serão futuros professores. Se o professor universitário pensar como o tradicional, como será possível esclarecer as dúvidas que perdura a vida dos acadêmicos, já que é nesse universo que se aprende a ensinar (no caso de licenciatura)?

Para responder essa demanda, perguntou-se ao professor entrevistado, graduado em Letras, que atualmente ministra as disciplinas de geografia, história e sociologia, além de suas habilitações, possui trinta e quatro anos de prática escolar. Na primeira pergunta a respeito de sua metodologia de ensino, foi contundente em afirmar que não aprecia os novos modelos de educação, por não ajudar na ordem e disciplina dos alunos. Utiliza o livro didático proposto pelo governo, mas o critica duramente por trazerem “textos absurdos, interpretações absurdas. Não tem gramática” trabalha raramente com Datashow, pois perde muito tempo instalando (há um Datashow para uso de toda a escola, sendo necessário marcar horário) ainda assim exige que os alunos o levem, porém, carrega seus próprios livros que diz ser melhores. Seus principais problemas enfrentados são: desatenção, desobediência ao que se pede e conversas.

Além desses, alguns problemas relacionados à aprendizagem já foram constados por ele como a caligrafia ruim e excesso de “erros” gramaticais, estes foram encaminhados para uma sala multifuncional disponibilizada pela direção. Em relação a sua autoridade e organização dos alunos, explica que a sala já é organizada em filas e que uma vez ou outra ele propõe um círculo para discutir um determinado assunto. Segundo o professor, seus alunos o respeitam muito, pela sua postura autoritária, recebeu várias propostas para ser diretor de outras escolas, recusou “eu teria que mudar tudo e eles não aceitam” (Entrevistado 1).

Contudo, aceitou um convite para auxiliar na direção de uma escola estadual de ensino médio no período noturno. “tomei conta por caridade por seis meses, pois o diretor não estava dando conta, mudei geral, o aluno ou assistia à aula ou ia embora” explica que a escola controlava as saídas em caso de problemas pessoais dos alunos por meio de um ofício assinado pela direção, permitindo que o porteiro abrisse a porta. Mas percebeu que muitos deles mentiam, alegando dor de cabeça, cólicas, etc.

Durante toda entrevista demonstrou incomodado com os novos modelos de ensino. Quando questionado a respeito da escola integral afirmou categoricamente que não concorda e não trabalha nesse sistema, pois não deseja trabalhar o dia inteiro para um salário, além disso, não deseja deixar o emprego atual.

A partir das discussões em grupo e da entrevista, nota-se ainda que, o professor tendo práticas tradicionais, não o é constantemente, pois há a necessidade de promover diálogos, por

a sala em círculo, ou seja, interagir com os alunos para o melhor aprendizado destes. Além disso, o próprio entrevistado não adota a mesma postura sempre, segundo ele, é para “sair da rotina”.

Não pode ser esquecido que a escola em outro momento foi planejada para atender uma sociedade que vivia em um ambiente de conhecimento muito mais estável do que se vive hoje. A escola sempre buscou atender as necessidades histórico-culturais do meio social, e essa já passou por inúmeras transformações e avanços.

Seria um equívoco descartar todas as contribuições que os diferentes tempos da educação proporcionaram. Assim, nada melhor do que dirigir um olhar ao passado, fixando-o no presente e mirar o futuro da educação para torná-la construtiva e para que desempenhe efetivamente a sua função no desenvolvimento dos alunos e da sociedade.

Hoje, existe uma grande necessidade de se evoluir cognitivamente e permanentemente, dados os avanços dos recursos e estratégias tecnológicas disponíveis. A chamada Educação 3.0 pressupõe uma escola aberta e participativa, na qual aluno, escola, família, professores e sociedade aprendem juntos. Mas isso não significa propor uma nova metodologia descartando tudo que a educação vem alcançando ao longo dos anos.

O desafio é descobrir meios de adaptar-se para continuar ensinando e aprendendo, porém de acordo com o que o novo mundo demanda. Isso envolve o engajamento em sala de aula na era tecnológica, as mudanças no cenário educacional e como os professores, pais e alunos estão envolvidos nesse processo. As salas de aula estão em constante transformação e é preciso uma renovação na forma de ensinar, porém não necessariamente se desfazendo de tudo aquilo que até então usávamos.

Esse peso de ter que se “libertar” do estilo da pedagogia tradicional, na verdade, não precisa ser carregado. Nota-se que a educação evoluiu e os alunos mudaram, e por isso alguns pontos deverão, sim, ser descartados, como em qualquer modelo de concepção pedagógica, afinal é preciso atender à demanda atual. Outros pontos, porém, deverão permanecer embutidos em nosso leque de práxis e, de acordo com a realidade vigente, modelados são direcionados a atenderem as nossas necessidades, bem como as expectativas do aluno.

É preciso buscar o bom senso nessa relação e não levá-la ao extremo.

Avaliem: se todos os alunos usarem computadores em sala de aula, não sendo mais necessário o ensino da letra cursiva, como vamos promover em nossos alunos o importante ato de escrever, que, conforme comprovação científica ativa uma série de funções fundamentais no cérebro humano?

É preciso haver uma mescla entre o método tradicional de ensinar e os avanços, com conteúdo dinâmico e qualidade para prender a atenção dos alunos tecnológicos, aliados ao conteúdo programático estruturado pelo professor.

Certamente ainda há muito a se debater nesse campo da educação, mas é certo que o ensino tradicional vai além das metodologias clássicas com exposição verbal, foco nos exercícios, na repetição e na memorização. Cabem ao professor unir estratégias e saberes do passado, presente e futuro para uma melhor evolução do ensino-aprendizagem.

Conclusão

Pode-se considerar que o professor tradicional conserva essa prática por haver problemas com desordem e desrespeito em sala de aula, mas, não se mantém por completo tradicional, pois, varia sua didática vez ou outra, buscando melhor aproveitamento do

conteúdo. Positivamente o prezar pelo respeito é importante, mas que não o seja de maneira imposta, e, sim conquistada por meio de uma boa postura educativa. Negativamente essa prática limita o aluno a expor sua opinião, além disso, a sociedade atual exige uma postura mais reflexiva e de interação entre professor-aluno, onde ambas as partes possam estabelecer uma situação de aprendizagem mútua.

Referência

BEHRENS, Marilda Aparecida/ OLIARI, Anadir Luiza Thomé. **A evolução dos paradigmas na educação: do pensamento científico tradicional a complexidade**. Diálogo Educ. Curitiba, 2007, p.53-66.

GADOTTI, Moacir. **Histórias das Ideias Pedagógicas**. São Paulo: Ática, 5ªed.1997.

GÔNGORA Francisco Carlos, **Tendências Pedagógicas na Prática Escolar**. São Paulo: Edições Loyola. 1985.

LEÃO, Denise Maria Maciel. **Paradigmas Contemporâneos de Educação: Escola Tradicional e Escola Construtivista**, Ano 1999. Cadernos de pesquisa

PEREIRA, Leude RodrigueS / SILVA, Lucilene Moura / TESTA, Edimárcio. **O Tradicional e o Moderno quanto à Didática no Ensino Superior**. Revista Científica do ITPAC, Araguaína,2011.

PILLETI, Nelson. **História da Educação no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

PIMENTA, Selma Garrido. **O Pedagogo na Escola Pública**. São Paulo: Edições Loyola, 3ªed.1995.

SILVA, Luciana Aparecida. **Obras Completas do Pe. Leonel Franca S.J O Método Pedagógico dos Jesuítas – O “Ratio Studiorum”** Introdução e Tradução. Rio de Janeiro: AGIR, 1952. <http://alexandriacatolica.blogspot.com>